

Sobre a Estrutura Interna das *Small Clauses* Livres do Português Brasileiro

(On the Brazilian Portuguese Free Small Clauses' Internal Structure)

Marcelo Amorim Sibaldo¹

¹ Unidade Acadêmica de Serra Talhada – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

sibaldo@gmail.com

Abstract: The main goal of this study is to answer the following question: what is the internal structure of the Free Small Clauses (FSCs) of Brazilian Portuguese? To answer this question, we conducted several tests to understand what would be the internal composition of this type of structure and what is the structural position of its elements. What we could conclude was that the FSCs are root TPs, that is, one TP phase. Differently from Chomsky (2001), who admits that only CP and *v**P can be strong phases, this paper brings some evidences from Brazilian Portuguese in favor of the idea that TP would also be a strong phase.

Keywords: Phases; Free Small Clauses; Small Clauses; Subject; Predicate.

Resumo: O principal objetivo deste estudo é responder à seguinte questão: qual a estrutura interna das *Small Clauses Livres* (SCLs) do Português Brasileiro? A fim de responder essa pergunta, fizemos diversos testes no sentido de entender qual seria a composição interna desse tipo de estrutura e qual a posição estrutural de seus elementos. O que esta pesquisa conclui é que as SCLs são TPs raízes, ou seja, uma fase TP. Desse modo, diferentemente de Chomsky (2001), que admite apenas CP e *v**P como uma fase forte, este trabalho traz evidências a favor da ideia de que TP também seria uma fase forte.

Palavras-chave: Fases; *Small Clauses Livres*; *Small Clauses*; Sujeito; Predicado.

Introdução

Este trabalho investiga a estrutura interna de uma construção exclamativa muito usada pelos falantes do português brasileiro (doravante PB), mas pouco estudada, nomeadamente, as *Small Clauses Livres* (doravante SCLs),¹ a justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem nenhuma morfologia de tempo na superfície, como exemplificado nos exemplos abaixo:

- (1) a. Muito bonita a sua roupa!
b. Uma droga aquele programa de televisão!

É interessante pontuar que essas construções, aqui chamadas de “*Small Clauses Livres*”, apresentam algumas características peculiares no que tange a alguns de seus aspectos sintático-semânticos, que a diferem bastante das outras construções predicacionais, como aquelas na ordem dita “canônica”, como em *A sua roupa é muito bonita*. Como veremos aqui, as diferenças recaem basicamente: (i) na inversão na ordenação de seus

¹ Tanto quanto saibamos, esse termo foi primeiro empregado em Kato (1988). Na verdade, o termo empregado no trabalho de Kato (1988), escrito em língua inglesa, foi *Free Small Clause*. Traduzimos ao pé da letra apenas o termo *Free*, haja vista a literatura gerativista no Brasil já ter adotado o termo *Small Clause* do inglês, apesar de alguns textos vez ou outra o traduzirem por *mini-orção*.

constituintes (sujeito-predicado); (ii) na seleção semântica e categorial de seus sujeitos e predicados; e (iii) na ausência do elemento copular verbal.

Assim, o nosso interesse na estrutura sintática das SCLs é motivado, principalmente, pelo fato de que, superficialmente, tais estruturas parecem ser menores que uma sentença “comum”, uma vez que lhes falta um verbo flexionado. Sendo assim, a questão-chave que norteará a nossa discussão é: qual a estrutura interna das SCLs do PB? Para responder a essa pergunta e dar embasamento à nossa análise, lançaremos mão da teoria gerativa em sua versão minimalista (cf. CHOMSKY, 2000, 2001 e trabalhos subsequentes) e, ainda, da teoria da sintaxe de predicação e extensão de fase, delineada em Den Dikken (2006, 2007).

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos e discutiremos quais são as restrições sintático-semânticas que regem as SCLs; na seção 3, arrolaremos alguns testes sintáticos a fim de saber qual a estrutura interna das SCLs; na seção 4, mostraremos como se dá a derivação das SCLs, utilizando a noção de extensão de fase (cf. DEN DIKKEN, 2006, 2007); e, na última seção, encerraremos o trabalho com um resumo das principais questões discutidas aqui.

Restrições sintático-semânticas das SCLs

Restrição sobre a ordem

(1) parece ser a ordem “canônica” de uma SCL no PB, haja vista que a ordem *DP sujeito + Predicado* – sem nenhuma cópula – é agramatical, como já notado por Kato (1988, 2007):

- (2) a. *A sua roupa muito bonita!
- b. *Aquele programa de televisão uma droga!

Restrições sobre o sujeito

Os sujeitos das SCLs são sempre específicos. Desse modo, não temos DPs não-específicos, plurais nus, itens de polaridade negativa e quantificadores de baixo acarretamento (cf. (3)), mas apenas DPs específicos e fortemente referenciais (cf. (4)):

- (3) a. *Muito bonita uma roupa qualquer!
- b. *Muito bonitas roupas!
- c. *Muito bonita(s) nenhuma roupa/ poucas roupas!
- (4) a. Muito bonita uma roupa que eu vi no shopping!
- b. Uma droga aquele programa de televisão!

Restrições sobre o predicado

Os predicados das SCLs podem ser apenas da categoria adjetival (cf. (5a)) e alguns constituintes parecidos, à primeira vista, com DPs, que chamaremos aqui de “DPs avaliativos”, que se diferenciam de DPs “comuns” quando participando de SCLs, haja vista esse tipo ser descartado e aquele ser permitido nessas construções (cf. (5b) vs. (5c)). Além disso,

outros sintagmas, como PPs (cf. (5d)),² AdvPs (cf. (5e)) e VPs (cf. (5f)), também são descartados como o predicado das SCLs:

- | | | |
|-----|------------------------------|------------------------|
| (5) | a. Linda a Maria! | <i>APs</i> |
| | b. Um luxo essa sua bolsa! | <i>DPs avaliativos</i> |
| | c. *Médico esse cara! | <i>DPs</i> |
| | d. *Na Ponta Verde o João! | <i>PPs</i> |
| | e. *Bem a Maria! | <i>AdvPs</i> |
| | f. *Dançando os meus alunos! | <i>VPs</i> |

No que tange aos adjetivos das SCLs, é pertinente ressaltar, ainda, que nem todos os adjetivos atuam como predicados de tais construções, pois eles devem poder ser graduáveis (geralmente, com grau máximo, p. ex., *muito lindo*, *horrível* etc.):

- | | |
|-----|---|
| (6) | a. *Disponíveis os bombeiros! > *Muito disponível |
| | b. *Grávida essa mulher! > *Muito grávida |

Sendo assim, como primeiro advertido, tanto quanto saibamos, por Kato (1988) para as SCLs, as sentenças em (6) são ruins pelo fato de os predicados dessas construções serem adjetivos do tipo *stage level*. Desse modo, como observado por essa autora, os predicados das SCLs só podem ser do tipo *individual level*.

Assim, os predicados avaliativos que vão com as SCLs são predicados que, mais que notar um fato, descrevem uma impressão, uma opinião pessoal do falante, que menciona algo de surpreendente, surpresa, ou algo fora do comum, como é inerente às sentenças exclamativas (ZANUTTINI; PORTNER, 2003). O predicado individual deve, então, ser uma apreciação e não pode ser uma expressão referencial.

Restrições sobre o “tempo”

Como dito anteriormente, superficialmente, as SCLs não apresentam morfologia nenhuma de tempo. Entretanto, as SCLs podem ser parafraseadas com a cópula no tempo presente (no contexto *out-of-the-blue*), conforme nos apontam os dados abaixo:

- | | |
|-----|---|
| (7) | Bonita a sua roupa! |
| | A sua roupa ✓ <i>está</i> / * <i>estava</i> / * <i>estará</i> bonita! |

Além de o tempo presente estar subjacente nas SCLs, é interessante pontuar que o predicado dessas sentenças é interpretado como um predicado estativo, ou seja, o verbo, além de ser “entendido” com a forma subjacente do presente do indicativo, não pode ser entendido como (nem pode ser (cf. (5f)) um verbo na forma gerundiva, o que corrobora o fato de o predicado das SCLs ser sempre estativo:

- | | |
|-----|---|
| (8) | a. Lindo o dia! > *O dia <i>está sendo</i> lindo! |
| | b. Bonita a sua roupa! > *A sua roupa <i>está sendo</i> bonita! |

² Alguns PPs encabeçados por *sem* de conteúdo avaliativo (cf. (i)) são exceções e serão tratados em trabalhos futuros somente.

(i)	a. Sem sal essa sopa!
	b. Sem nenhum interesse essa sua proposta!

Uma estrutura para as SCLs do PB

SCL: adjunção do sujeito à direita ou alçamento-A' do predicado?

Para responder à questão acima, lançaremos mão, primeiramente, do teste com advérbios de tempo e PPs locativos, pois, como se sabe, advérbios de tempo e PPs locativos marcam o limite de uma sentença nuclear. Assim, o que vem logo após esses elementos é tomado como estando numa posição-A'. Tendo isso em mente, o contraste entre (9) e (10) parece corroborar a ideia de que o sujeito das SCLs não está adjungido à direita, numa posição-A', visto que nem o advérbio de tempo nem o locativo podem intervir entre o predicado e o sujeito das SCLs:³

- (9) a. *Muito lindas na igreja/ ontem as flores.
b. *Bonito na festa/ ontem o seu vestido.
- (10) a. Muito lindas as flores na igreja/ ontem.
b. Bonito seu vestido na festa/ ontem.

Além disso, quantificadores podem ocupar a posição de sujeito das SCLs e, como se sabe, quantificadores não podem ocupar uma posição-A':

- (11) a. Um amor cada um de vocês!
b. Muito lindos todos esses seus sapatos!

Dada a argumentação acima, é tentador afirmar que a SCL do PB é resultado de movimento-A' à esquerda, do predicado sobre o seu sujeito. Porém, como (12) nos mostra, itens de polaridade negativa (NPIs) são aceitos no predicado das SCLs e, igualmente aos quantificadores, NPIs geralmente não são aceitos em posição-A':

- (12) a. Nem um pouco bonita a Maria!
b. Nada bonita a sua irmã!

O que os dados apresentados aqui sugerem é que tanto o sujeito quanto o predicado das SCLs do PB parecem ocupar posições-A e não posições-A'.

Advérbios de VP: por onde anda a SCL?

Como se sabe, advérbios de VP, como *sempre*, por exemplo, ocupam uma posição de adjunção ao VP.⁴ Observando o contraste entre (13) e (14) abaixo, depreendemos que o predicado das SCLs não parece ter sido movido para uma posição acima da SC, uma vez que a estrutura em que o advérbio se encontra entre o predicado e o sujeito é agramatical (cf. (14)). Por outro lado, (13) mostra a gramaticalidade das estruturas com o advérbio na posição inicial, o que sugere que as SCLs do PB, na verdade, estão *in situ*:

- (13) a. [_{SC} Sempre [_{SC} bonita a sua roupa]].
b. [_{SC} Sempre [_{SC} muito chata essa aula]].

³ O teste de substituição indica que os PPs e os advérbios não fazem parte do DP sujeito:

- (i) a. Muito lindas elas na igreja/ ontem.
b. Bonito ele na festa/ ontem.

⁴ Como tratamos de *Small Clauses* (SCs) aqui, assumiremos que esses advérbios estão adjungidos à SC.

- (14) a. *Bonita sempre a sua roupa.
b. *Muito chata sempre essa aula.

Projeções funcionais: SCL tem TP e CP?

Para corroborar a ideia de que SCs comuns não têm a projeção TP, Cardinaletti e Guasti (1995) usam os testes de advérbios de tempo (cf. (15)) e de negação (cf. (16)):

- (15) a. Hoje eu acho [_{CP} que [_{TP} a Maria estava bonita ontem]].
b. *Hoje eu acho [_{SC} a Maria bonita ontem].
- (16) a. Eu acho [_{CP} que [_{TP} a Maria *não* está triste]].
b. *Eu acho [_{SC} a Maria *não* triste].

As SCLs do PB, entretanto, parecem ter a projeção T, uma vez que a elas podem ser associados advérbios de tempo (cf. (17)):

- (17) a. Bonita a sua roupa ontem!
b. Muito lindo o dia hoje!

Em relação ao teste da negação, podemos observar abaixo que as SCLs não podem ser negadas:

- (18) (*Não) bonita (*não) a Maria (*não)!

Porém, essa característica, na verdade, não surpreende, uma vez que a exclamação não pode ser negada (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; VILLALBA, 2004).⁵ Um pedaço de evidência que pode ser dado, no sentido de que a negação pode ocorrer nas SCLs, é o caso do exemplo (12) acima, pois, desde Zanuttini (1991), pelo menos, estabelece-se a relação entre negação e T(empo) como intrínseca. O que se assume nos casos de (12) é que existe uma categoria NegP adjungida ao TP. Sendo assim, achamos razoável assumir que há um TP nas sentenças com NPIs em (12).

Todos os testes que fizemos nesta subseção corroboraram a ideia de que as SCLs do PB, ao contrário das SCs comuns, têm a projeção de T(empo). No que tange ao nó CP, entretanto, os dados abaixo parecem mostrar evidência de que elas não o possuem:

- (19) a. A Maria achou a sua roupa muito bonita.
b. A Maria achou muito bonita a sua roupa.
c. Hoje a Maria achou que a sua roupa estava muito bonita ontem.
d. *Hoje a Maria achou muito bonita a sua roupa ontem.

Em (2), vimos que a ordem *Sujeito + Predicado* é sempre descartada, porém, como vemos em (19a) e (19b), sob o verbo de Marcação Excepcional de Caso (verbo ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*) *achar*, pode vir tanto a sequência Sujeito-Predicado quanto Predicado-Sujeito. Como se sabe, verbos do tipo *achar* no PB selecionam ou uma SC comum (cf. (19a)) ou um CP (cf. (19c)). Logo, [Muito bonita a sua roupa ontem] em (19d), sendo uma SCL (= TP), é excluída. (19d), a nosso ver, é o dado-chave para assumir

⁵ Salvo alguns casos de negação expletiva e outros de negação padrão, que requerem contextos apropriados, ver Villalba (2004). O fato para o qual estamos chamando a atenção na discussão acima, contudo, é que uma exclamação com uma sentença copular normal no PB é agramatical (cf. **A Maria não é bonita!*). Sendo assim, não é de se estranhar sua agramaticalidade numa sentença do tipo SCL.

que SCLs são TPs raízes, ou seja, as *Small Clauses* Livres são, como o próprio nome diz, “livres” e não podem ser encaixadas. Mais ainda: se a análise empreendida aqui for levada em consideração, poderemos explicar facilmente o porquê de poder haver a alternância Predicado-Sujeito/ Sujeito-Predicado após verbos ECM, como em (19a) e (19b), uma vez que as SCs complemento podem alternar a ordem Sujeito-Predicado/ Predicado-Sujeito, diferentemente das SCLs, que têm uma ordem fixa.

SCL como uma fase-TP estendida

Para Den Dikken (2006), na semântica, a predicação é atribuição de propriedade e, na sintaxe, a predicação envolve uma estrutura assimétrica incluindo o predicado, seu sujeito e um elemento funcional (o RELATOR) mediando a relação configuracional e não direcional entre o predicado e o sujeito. Por configuracional, entende-se que uma predicação sempre irá conter um RELATOR (R) que é o núcleo da projeção de predicação, RP (*Relator Phrase*). Den Dikken (2006, p. 15) assume que o RELATOR é funcional e abstrato, atuando como um *placeholder* para qualquer núcleo funcional mediante uma relação de predicação entre os dois termos. Adotaremos a estrutura do *Relator Phrase*, exposta em (20), como a estrutura de uma SC comum:⁶

(20) [_{RP} Sujeito [RELATOR [Predicado]]]

Por predicação não-direcional, entende-se uma predicação que pode ocorrer também na ordem linear Predicado-Sujeito, ou seja, com a seguinte configuração:

(21) [_{RP} Predicado [RELATOR [Sujeito]]]

Adotando uma configuração RP não-direcional para as SCs e tendo os resultados dos testes aplicados na seção anterior, chegamos à estrutura em (22) para as SCLs do PB. Lembramos que essa conclusão foi possível com base nas verificações de que as SCLs do PB: (i) não são resultados do deslocamento à esquerda do predicado, nem da adjunção à direita do sujeito (cf. 3.1.); (ii) estão *in situ* (cf. 3.2.); e (iii) têm apenas a projeção de T(empo) na sua estrutura interna (e, claro, RP) (cf. 3.3.).

(22) [_{TP} T [_{RP} Predicado [RELATOR [Sujeito]]]

O que os testes em 3.3. sugerem é que as SCLs são TPs raízes, ou seja, sentenças autônomas que não encaixam, nem podem ser encaixadas, nem têm uma projeção CP associada, ou seja, elas são “livres” realmente. Porém, essa ideia vai de encontro ao que é sugerido em Chomsky (2001 e subsequência), cuja proposta é a de que apenas CP e v*P sejam considerados fases (pequenos “pedaços” de estruturas que são mandados ciclicamente para *Spell-Out* durante qualquer derivação sintática).

Para solucionar esse problema, assumimos a proposta de Den Dikken (2006) de que qualquer predicação primária pode ser considerada uma fase, logo, RPs (os sintagmas das *Small Clauses*) são fases inerentes.⁷ Para derivar (21), porém, deparamo-nos com

⁶ Para argumentos a favor da SC configuracional, ver Den Dikken (2006) e, para o PB, Sibaldo (2009).

⁷ Remetemos o leitor interessado a Den Dikken (2006, 2007) para uma maior argumentação sobre a ideia de RP enquanto fase.

um problema em relação à Condição de Impenetrabilidade da Fase (doravante PIC, do inglês *Phase Impenetrability Condition*). A PIC exige que a fase enviada para *Spell-Out* não “volte” mais para a sintaxe estrita, ou seja, que ela não seja mais acessível às regras sintáticas. Uma estrutura contendo duas fases, a saber, ZP e HP, ilustra essa condição de um modo melhor. Numa estrutura como (23), a condição é aquela em (24):

(23) $[_{ZP} Z \dots [_{HP} \alpha [H YP]]]$

(24) *Condição de Impenetrabilidade da Fase (PIC)*

O domínio de H não é acessível a operações em ZP; somente H e sua periferia são acessíveis a essas operações. (CHOMSKY, 2001, p. 14)⁸

Assim, em (23), H e sua periferia (ou seja, α) podem ser acessíveis pela próxima fase, ZP, por determinação da PIC (24). YP é expelido no nível da fase HP. H e α , numa determinada língua ou numa determinada estrutura numa língua, também podem ser enviados para *Spell-Out*, nesse caso, eles continuam *in situ*; caso contrário, seu *status* é determinado na próxima fase ZP. Esta condição é uma restrição que força o sistema a “esquecer” o material transferido, reduzindo, assim, o fardo computacional, no sentido de fazer com que o sistema trabalhe somente com um número limitado de itens por ciclo.

Sendo assim, de acordo com a condição acima explicada, o domínio da fase (o sujeito, em (22)) deve ser enviado imediatamente para *Spell-Out*, assim que a fase RP seja formada, não estando mais acessível na derivação, desencadeando o fracasso da derivação, uma vez que traços não-interpretáveis (os traços- Φ de T e o traço de Caso do DP sujeito) ainda estariam presentes na derivação. Para resolver essa questão, assumimos a teoria de Den Dikken (2006, 2007) de *Extensão de Fase*. Tal teoria adota a proposta original de Chomsky (1993) de que o movimento de núcleo estende os domínios sintáticos. Desse modo, se o núcleo do RP, RELATOR, se move para um núcleo externo, as dependências da fase são redefinidas por meio de uma operação de *Phase Extension*, e, então, nenhum problema de localidade surge. Sendo assim, a subida do RELATOR, núcleo desse sintagma-fase, para o núcleo de uma categoria funcional acima de RP, estende a fase de RP para FP (= uma categoria funcional qualquer), como em (25), em que o símbolo Φ , adotado do autor, é o limite de uma fase (cf. DEN DIKKEN, 2006, p. 115):

(25) a. $[_{RP} \text{ Sujeito } [_{RELATOR} [\text{Predicado}]]]$
 Φ

b. $[_{FP} F+R_i \text{ } [_{RP} \text{ Sujeito } [t_i [\text{Predicado}]]]]]$
 $\Phi \leftarrow (\Phi)$

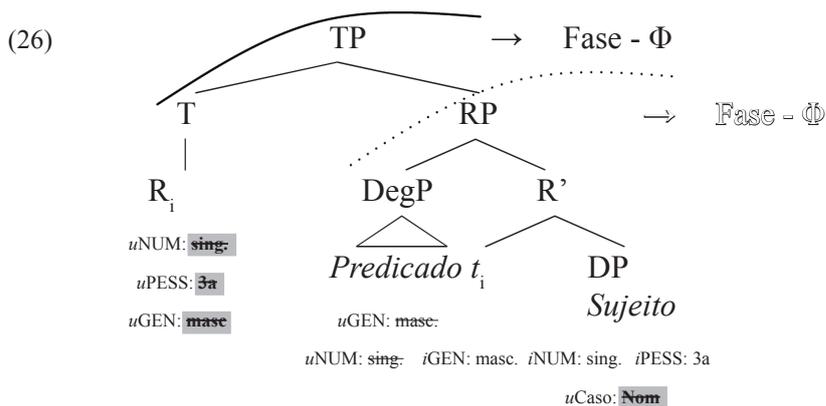
c. $[_{FP} \text{ Predicado}_j [F+R_i \text{ } [_{RP} \text{ Sujeito } [t_i t_j]]]]]$
 Φ

Antes de irmos à derivação em si, cumpre destacarmos outras idiossincrasias das SCLs do PB no que concerne aos seus constituintes e à sua configuração. O que sugerimos neste artigo é que, no PB, a deleção da cópula é permitida em casos configuracionais semelhantes àqueles em (22), ou seja, o contexto de uma SC não direcional (na ordem

⁸ No original: “The domain of H is not accessible to operations at ZP; only H and its edge are accessible to such operations” (CHOMSKY, 2001, p. 14). A tradução deste trecho recortado do original em inglês e colado neste artigo é nossa.

Predicado-Sujeito) sendo selecionada por uma categoria funcional TP – um TP raiz, sem CP o selecionando – é o contexto em que esse “apagamento” é permitido no PB. Dito de outro modo, esse é o contexto configuracional em que a “terceira cópula” (cf. KATO, 1988) emerge no PB. Outra peculiaridade das SCLs, e que também faz com que seja deflagrada a terceira cópula, é o fato de o predicado só poder ser selecionado para estar em [Spec, RP] dessas construções se ele for um DegP (*Sintagma de Grau*, do inglês *Degree Phrase*). Ora, como vimos, as SCLs selecionam predicados que possam ser graduados. Isso também garante que apenas predicados estativos entrem na configuração de uma SCL do PB. Além do mais, os estudos recentes apontam para o fato de que as sentenças exclamativas são, na verdade, construções de grau (GUTIÉRREZ-REXACH, 2008, entre outros).

Voltando à derivação de (22): para formar o RP, primeiramente, o núcleo R deve selecionar o sujeito como complemento e posteriormente o predicado como seu especificador. TP entra na derivação e o núcleo de RP, R, é alçado para T. Esse movimento desencadeia a *Extensão da Fase* de RP até TP, seguindo a proposta de Den Dikken (2006, 2007). A extensão da fase de RP para TP soluciona os problemas relacionados com a PIC, já apontados, visto que, sem a extensão da fase, o DP sujeito (domínio da fase) deveria ir, de imediato, para *Spell-Out*, não sendo mais acessível na derivação. Assim, como os traços (não-interpretáveis) de Caso do DP sujeito e Φ de T ainda estariam presentes na derivação, ela fracassaria. Após ocorrer a extensão da fase, sendo T agora o núcleo da fase, outro problema surge: há um DegP interveniente entre T e o DP e esse DegP tem traços- Φ ,⁹ que “barrariam” a sonda T de ir “mais abaixo” (até o DP, nesse caso) para checar seus traços- Φ e os traços de Caso do sujeito. Adotando o Princípio de Maximização (*Maximization Principle*), de Chomsky (2001, p. 15), isso deixa de ser um problema, pois, de acordo com esse princípio, um elemento contendo um conjunto de traços- Φ defectivos¹⁰ não conta para efeitos de intervenção e, uma vez que um sintagma de grau não tem o traço não-interpretável de [pessoa], a sonda T pode “pular” esse sintagma. Dito de outra forma: como o predicado não tem traço não-interpretável de [pessoa] para ser checado, o *probe* T pode descer até o DP sujeito e valorar seu traço de Caso, além dos traços- Φ [-int] de T, como visto abaixo:¹¹



⁹ É interessante destacar que, antes de T sondar o DP sujeito, *Agree* entre o DegP predicado e o DP sujeito já deve ter acontecido, a fim de checar os traços não-interpretáveis de DegP. Devido à falta de espaço, não discorreremos aqui sobre como isso acontece. Para maiores detalhes, ver Sibaldo (2009).

¹⁰ Ou seja, um conjunto- Φ incompleto, i. e., sem o traço não-interpretável de [pessoa].

¹¹ Os traços relevantes valorados e checados estão representados em (26) por uma fonte realçada.

Uma vez que o traço EPP é opcional no PB (cf. VIOTTI, 1999; NUNES, 2007; entre muitos outros), a derivação para em (26) com todos os traços não-interpretáveis devidamente valorados e deletados, sendo, então, enviada para *Spell-Out* e julgada pelo sistema computacional como uma derivação convergente.

Considerações finais

A partir dos nossos dados e dos testes desenvolvidos neste pequeno artigo, concluímos que as SCLs do PB são TPs raízes, ou seja, uma fase TP. Se a análise empreendida aqui estiver no caminho correto, as SCLs do PB parecem ser evidências de que os sintagmas TPs também podem ser considerados como instâncias de fase (e não apenas CP e v^*P , como sugerido por CHOMSKY, 2001 et passim), como já propuseram, de forma independente (e diferenciada), Gallego (2007) e Gallego e Uriagereka (2006), entre muitos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDINALETTI, A.; M. T. GUASTI. Small clauses: some controversies and issues of acquisition. In: _____. (Eds.). *Syntax and semantics*. v. 28. California: Academic, 1995. p. 1-23.
- CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 1-52.
- _____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- DIKKEN, M. den. *Relators and Linkers: the Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.
- _____. *Phase Extension: Contours of a Theory of the Role of Head Movement in Phrasal Extraction*. *Theoretical Linguistics*, Berlin, v. 33, n. 1, p. 1-41, 2007.
- GALLEGO, Á. *Phase Theory and Parametric Variation*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Facultat de Filosofia i Lletres, UAB, Barcelona.
- GALLEGO, Á.; URIAGEREKA, J. *Sub-extraction from subjects*. Paper presented at WCCFL 25 and LSRL 36, 2006.
- GUTIÉRREZ-REXACH, J. Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface. *Catalan Journal of Linguistics*, Barcelona v. 7, p. 117-133, 2008.
- KATO, M. A. *Free and Dependent Small Clauses in Brazilian Portuguese*. Handout apresentado no GT de Teoria da Gramática, 1988.
- _____. Free and Dependent Small Clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. especial, p. 85-111, 2007.
- NUNES, J. Relativized Minimality and the Extended Peeking Principle. *Cuadernos de Lingüística del I. U. I. Ortega y Gasset*, Barcelona, v. 14, p. 73-86, 2007.
- SIBALDO, M. A. *A Sintaxe das Small Clauses Livres do Português Brasileiro*. 2009. 202 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

VILLALBA, X. *Exclamatives and Negation*. Ms. UAB, 2004.

VIOTTI, E. de C. *A Sintaxe das Sentenças Existenciais no Português do Brasil*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZANUTTINI, R. *Syntactic Properties of Sentential Negation*. 1991. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Pennsylvania, Pennsylvania.

ZANUTTINI, R.; PORTNER, P. Exclamative clauses: at the syntax-semantics interface. *Language*, Washington, v. 79, n.1, p. 39-81, 2003.